



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**A NARRATIVA VIRTUAL DAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS:
A EXPERIÊNCIA DAS E DOS JOVENS DE CAXIAS DO SUL¹**

Scarlett Giovana Borges²

Resumo: Discutimos no artigo a narrativa virtual das ocupações estudantis realizada pelos grupos de jovens que participaram do movimento na cidade de Caxias do Sul/RS, entre maio e junho de 2016. Para isso, analisamos os materiais textuais e imagéticos veiculados pelas e pelos estudantes nas redes sociais virtuais, em especial nas páginas das ocupações criadas no site Facebook. A experiência com os meios de socialização virtual pregressa das e dos jovens possibilitou a circulação alternativa de informações acerca dos acontecimentos nas escolas, bem como a divulgação das reivindicações dos grupos, delimitando suas identidades militantes. As reflexões propostas ancoram-se em abordagens metodológicas que tematizam acerca do uso de fontes virtuais na pesquisa acadêmica e no arcabouço teórico-conceitual que busca compreender e problematizar as relações entre a História do Tempo Presente e a construção narrativa memorialística individual e coletiva, nas formações sociais hodiernas. Consideramos que as ocupações estudantis potencializaram a capacidade de problematização da realidade social complexa por parte das e dos estudantes envolvidos, pois possibilitaram a construção de espaços de trocas horizontais e democráticos e privilegiaram aspectos da cultura juvenil, antes proibidos na escola. A narrativa virtual das ocupações criada pelos grupos de jovens, em grande parte, enaltece as aprendizagens compartilhadas e a formação política resultante da experiência de ocupação.

Palavras-chave: Ocupações estudantis, História do Tempo Presente, movimento estudantil, narrativa virtual.

CENÁRIO DAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS

As ocupações pesquisadas fazem parte do movimento de protestos estudantis que iniciaram em 2015, em São Paulo, e se expandiram para todo o Brasil no ano de 2016. As ocupações das escolas públicas estão no bojo das manifestações e lutas recentes, caracterizadas pelo alargamento de atores e de pautas tanto no meio rural quanto urbano. No

¹ Pesquisa realizada com bolsa de mestrado CAPES/PROEX.

² Mestra em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, e-mail para contato: scarlettgborges@hotmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Brasil, principalmente, desde as Jornadas de Junho de 2013³, que tiveram as cidades como pauta e meio de luta, as tensões políticas e disputas ideológicas tornaram-se mais evidentes pela mobilização de um grande contingente de pessoas articuladas por meio das redes sociais virtuais.

Nesse cenário, a primeira escola ocupada foi na cidade de Diadema, em São Paulo, em 09 de novembro de 2015. A ocupação ocorreu como forma de resistência à reorganização da rede estadual de ensino, projeto que previa o fechamento de escolas de ensino médio localizadas em diversos bairros, realocando estudantes para escolas das áreas centrais. A organização da ocupação seguiu o modelo já utilizado por outros estudantes secundarista no Chile e Argentina, com acampamento nas escolas e paralisação das aulas institucionais. Após a primeira ocupação, diariamente foram registradas a adesão de outras escolas no estado de São Paulo, contabilizando 205 ocupações no mês de dezembro de 2015.

As ocupações de 2015 foram exitosas em sua demanda, conseguindo que o governo do estado recuasse com o projeto de fechamento das escolas. Frente a conquista das e dos secundaristas de São Paulo, em março de 2016, as e os estudantes do Rio de Janeiro adotaram a tática da ocupação como protesto à precarização da rede de ensino no estado e em apoio à greve das e dos professores que ocorria no período. A grande visibilidade das mobilizações iniciado em São Paulo, principalmente veiculado em mídias alternativas, nas redes sociais virtuais, por suas características integra o que Castells (2013) classifica como movimentos virais, nos quais a identificação com as pautas e a solidarização com a situação do outro despertam o sentimento de esperança na mudança por meio da ação coletiva.

No primeiro semestre de 2016, as ocupações secundaristas se espalharam por diversos estados da união, com pautas locais e regionais, mas que em seu cerne estão inscritas no direito à educação de qualidade (BORGES, 2019). A primeira escola ocupada no Rio Grande do Sul, nesse período, ocorreu na capital Porto Alegre, no dia 11 de maio de 2016. Além da questão estrutural da escola e o pagamento parcelado dos salários dos profissionais da educação, a ocupação também fazia frente ao Projeto de Lei nº 44/163⁴, que previa a parceria

³ Série de protestos no Brasil, em 2013, principalmente nas cidades de grande porte, com ampla participação e apoio popular, com atos diários no mês de junho.

⁴ http://proweb.procergs.com.br/temp/PL_44_2016_20032021110044_int.pdf?20/03/2021%2011:00:45. Acesso em: 20 mar. 2021.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



público/privado na gestão e execução de escolas públicas, e ao Projeto de Lei nº 190/154⁵, chamado “Escola Sem Partido”, ambos em trânsito na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Nos dias seguintes mais escolas foram ocupadas na capital e o movimento se espalhou pelo interior do Rio Grande do Sul, chegando ao número de 150 unidades ocupadas. Na cidade de Caxias do Sul, foram ocupadas quatro escolas da rede estadual de ensino, no período de 18 de maio a 24 de junho de 2016. Além das ocupações, em outras escolas foram registradas manifestações de apoio aos e às estudantes mobilizados, como declarações nas redes sociais virtuais, arrecadação de mantimentos para as ocupações e protestos contra a precarização das escolas, com cartazes e paralização pontuais das aulas.

As ocupações registradas no estado de São Paulo serviram como guia de ação, pois a exemplo das ocupações na Argentina e no Chile, as e os estudante paulistas registraram uma cartilha contendo um passo a passo a ser seguido em cada escola. Ainda que em algumas ocupações as e os estudantes desconhecem a cartilha em si, o guia das ações se tornou orgânico à tática de luta, por circularem nas redes sociais virtuais as experiências precedentes. Essa primeira cartilha foi divulgada na página de Facebook *O Mal-Educado*, e tinha como título “Como Ocupar um Colégio? Manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile”, consistia na descrição de: 1) Plano de ação: assembleia; e atividades; 2) Organização da ocupação: comida, segurança, imprensa, informação, limpeza e relações externas.

Embora a organização das ocupações se assemelhe pelo espelhamento da ação coletiva, ainda assim, visualizamos que cada unidade manteve sua autonomia para estabelecer suas próprias regras, que foram diretamente influenciadas pelo grau de experiência militante das e dos estudantes, a estrutura de cada escola e a quantidade de indivíduos que aderiram ao movimento. Nesse contexto, podemos afirmar que as e os ocupas foram sujeitos históricos que vivenciaram e construíram o seu próprio tempo, o que nos motiva a analisar e propor reflexões acerca da narrativa virtual das ocupações estudantis sob a perspectiva epistemológica da História do Tempo Presente. Realizamos essa discussão com base nos materiais produzidos pelas e pelos jovens e divulgados na rede social virtual Facebook das escolas ocupadas em Caxias do Sul.

⁵ <http://www.al.rs.gov.br/legislativo/ExibeProposicao/tabid/325/SiglaTipo/PL/NroProposicao/190/AnoProposicao/2015/Origem/Px/Default.aspx>. Acesso em: 20 mar. 2016.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



NARRATIVA VIRTUAL

Elaborar uma narrativa da história de nosso próprio tempo é uma tarefa desafiadora e complexa. A pesquisa acadêmica, que tem sua temática localizada temporalmente no século XXI, está suscetível às instabilidades de um tempo efervescente de sujeitos e fluante em suas referências políticas. O que nos indica que, assim como o século que o precedeu é tido por historiadores como o breve século XX (HOBSBAWM, 1995), o século XXI, ainda em suas primeiras décadas, parece ter seu tempo comprimido pela intensificação das contradições demarcadas pela conectividade virtual.

As reflexões aqui propostas ancoram-se em abordagens metodológicas que tematizam acerca do uso de fontes virtuais na pesquisa acadêmica e no arcabouço teórico-conceitual que busca compreender e problematizar as relações entre a História do Tempo Presente e a construção narrativa memorialística individual e coletiva, nas formações sociais hodiernas (DELACROIX, 2018; HOBSBAWM, 1998; LEME LOPES, 2018; LÔBO, 2003; PEREIRA, 2018; POLLAK, 1989). Consoante a isso, em análise à obra de Hobsbawm, Lôbo (2003, f. 118) afirma que “a história é constituída não só pelo passado, mas também pelo presente e o futuro. E, em decorrência dessa relação, se pode afirmar que ele [Hobsbawm] pensa o passado como continuidade coletiva de experiência”.

Ainda que a História do Tempo Presente englobe outras temporalidades para além da contemporaneidade, nossa temática se inscreve nessa perspectiva analítica por ser um evento atual que repercute sobre ele mesmo, à medida que cria meios de divulgação de suas ações, e reverbera os processos de luta e resistência populares que o precedem. Desse modo:

[...] mesmo que a análise seja sobre o presente, ainda é uma análise histórica. Devemos, sobretudo, lembrar-nos de que os pesquisadores desse campo são historiadores analisando nosso próprio contexto. Nas palavras de Tavares Santos: “O historiador do presente trabalha sobre um passado mais próximo, com os acontecimentos indefinidos ou até mesmo no meio dele. Dessa forma, a história do presente é primeiramente e antes de tudo história” (SANTOS, 2009, p.8). (ZULATO; PAIXÃO; ALMEIDA, 2015, p. 1834).

Antes de iniciarmos a análise cabe ressaltar a ambiguidade entre a potencialidade e as dificuldades encontradas no trabalho com documentos virtuais. A abundância de materiais para análise de determinado fenômeno, principalmente no que tange a história recente, é limitado pela volatilidade destes documentos que, no caso da pesquisa realizada fora dos sites



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



de arquivos oficiais, exigem uma constante criação de banco de dados pela pesquisadora e pelo pesquisador para que os materiais não se percam nos bilhões de documentos disponíveis. Nesse cenário, Leme Lopes (2018, p. 145) se pergunta:

Em primeiro lugar, como separar o joio do trigo? Como se orientar nessa superabundância de materiais? Como encontrar bons arquivos sem ser continuamente tragado por informações erradas ou desinteressantes? Além disso, pelo que vimos até agora, pode-se argumentar que há mais material disponível, mas que, no fundo, a internet não passaria de uma abissal biblioteca, com os mesmos tipos de materiais disponíveis e que, portanto, o trabalho do historiador não teria se modificado em seu núcleo epistemológico com a ampliação dos recursos digitais.

A descontinuidade no acesso aos materiais virtuais, no caso das ocupações, expressa-se na brevidade da exposição e na grande quantidade de informações instantaneamente publicadas nas redes sociais virtuais. Na reunião dos documentos virtuais, estão contidos materiais textuais e imagéticos. Por meio deles identificamos símbolos das culturas juvenis e escolares que conflitam e se harmonizam, endossados pela experiência pregressa das e dos jovens nos meios de socialização virtual, fato que possibilitou a circulação alternativa de informações acerca dos acontecimentos nas escolas bem como a divulgação das reivindicações dos grupos.

Com relação às imagens divulgadas pelas ocupações, sua análise transita em refletir para além da intencionalidade das e dos sujeitos que as produziram. Nesse sentido, as fotografias não são provas do tempo passado, mas um instante reproduzido insistentemente de modo a manifestar um momento significativo (BARTHES, 1984). Assim é necessário ter em mente que:

[...] fazer ouvir as ‘vozes’ que habitam as imagens significa ouvir não somente o apelo daquele que as produziu, mas também todos os demais sentidos colocados na imagem por aqueles que a habitam enquanto leitores e espectadores. (PEREIRA; SOUZA, 2000, p 5).

A potencialidade de construção de discursos midiáticos alternativos das redes sociais virtuais, serviu como ferramenta de luta das e dos estudantes envolvidos nas ocupações. Embora as e os jovens circulassem em diversas geografias do ciberespaço, nas ocupações de Caxias do Sul visualizamos a predileção do uso das páginas de Facebook. Por meio dos documentos pesquisados, elaboramos cinco eixos de análise para o presente trabalho, sendo



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



estes: 1) a rede social virtual como modo de visibilizar as ações das ocupações; 2) o ciberespaço como local privilegiado para o discurso estudantil; 3) a exposição à violência na geografia digital; 4) desdobramentos entre a experiência física e a vivência do virtual; 5) a disputa narrativa em um cenário de múltiplas verdades sobre um mesmo fato.

Das quatro escolas ocupadas na cidade de Caxias do Sul, três delas criaram páginas na rede social Facebook no dia em que iniciaram a ocupação, apenas uma utilizou a página pré-existente, pertencente ao grêmio estudantil da escola. Todas as ocupações relataram na rede social virtual em tempo real o que estava ocorrendo nas escolas. As duas primeiras escolas ocupadas utilizaram a mesma foto de capa e de perfil na página de Facebook, durante todo o período de ocupação. Uma delas se justifica pela maior brevidade do evento, pois a ocupação ocorreu de 18 de maio a três de junho de 2016, a outra por preservar o símbolo do grêmio estudantil envolvido no movimento. A escola que ficou o maior período ocupada, de 19 de maio a 24 de junho de 2016, também foi a que teve mais transição das imagens utilizadas em sua página, sendo utilizadas cinco fotos de capa e uma foto de perfil. Após anunciarem o fim da ocupação, a terceira e a quarta escolas que foram ocupadas trocaram o nome e perfil da página de Facebook para Comitê de Luta Pela Educação Popular.

No primeiro eixo, percebemos que a rede social virtual foi um modo de visibilizar as ações das ocupações. Por meio das páginas de Facebook, as e os estudantes expuseram o que estava acontecendo no dia em que as escolas foram ocupadas, encontrando solidariedade nas dificuldades. Conforme postagem da primeira escola ocupada, percebemos que a tomada dos espaços ocorreu aos poucos. Uma das integrantes noticiou às sete horas e dezesseis minutos: “Ocupação e união!”, anunciando que a escola seria ocupada. Às oito horas foi postada a frase: “Salas de aula sendo ocupadas!”; e às oito horas e um minuto “Refeitório ocupado!”, seguem as postagens questionamentos se haveria aula e comentários como: “Ocupa tudo!”.

No princípio das ocupações, não identificamos nenhuma mensagem de desacordo com o movimento nas páginas das redes sociais virtuais. Temos como hipóteses as ideias que justificam esse cenário que inicialmente poderia haver um consenso em relação à ocupação, motivado pelas imagens positivas geradas por outras ocupações no estado e/ou a pouca visibilidade alcançada pelas páginas de Facebook no início das ocupações, não sendo naquele momento apropriada pelas e pelos sujeitos contrários à prática.

Em seguida à ocupação das escolas, identificamos de imediato os pedidos de ajuda,



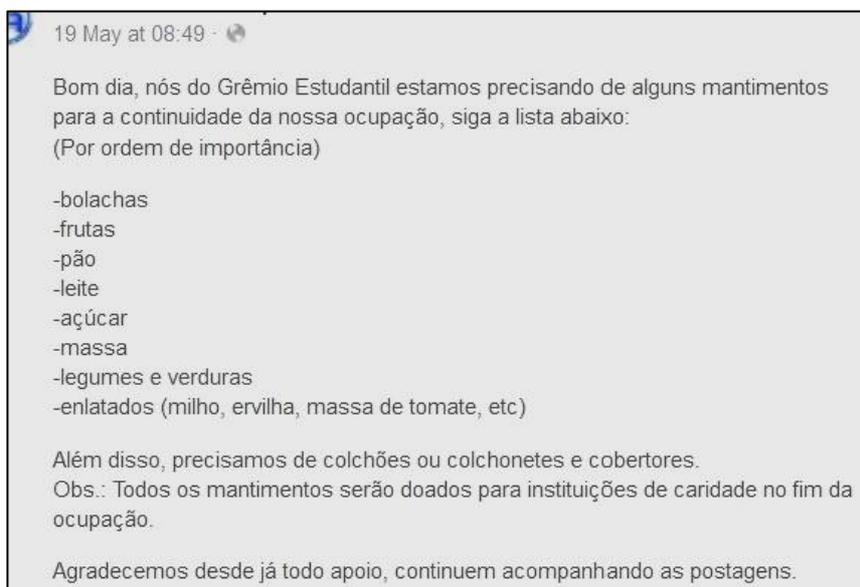
IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE

UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



direcionados à comunidade escolar, com mantimentos para as e os estudantes que ficaram acampados (Figura 1). Embora as ocupações tenham enfrentado forte oposição, ao longo dos dias, refletimos que sem o mínimo de auxílio não teria sido possível as e os estudantes se manterem por tanto tempo acampados. Este vínculo com a comunidade é representado na constante doação de alimentos, oferta de oficinas e atividades, apoio jurídico na intermediação com os órgãos de garantia de direitos do estado, como Ministério Público e Conselho Tutelar, entre outros.

Figura 1 – Postagem da segunda escola ocupada em Caxias do Sul



Fonte: Arquivo pessoal, retirado da Página de Facebook da escola ocupada.

Interligado ao segundo eixo de análise, identificamos que a divulgação das ocupações e a criação de narrativas alternativas dos acontecimentos foram endossadas pela proximidade das e dos jovens com as ferramentas digitais, tornando o ciberespaço um local privilegiado para o discurso estudantil. Além das postagens oficiais nas páginas de Facebook, diversos sujeitos documentaram sua experiência de ocupação por meio de relatos textuais. Na postagem de uma das professoras que visitou a ocupação foi escrito por ela: “Estar na ocupação, observar e ajudar aqueles estudantes foi maravilhoso, encorajador e isso me fortaleceu”. Nesse mesmo sentido, uma estudante relata sua experiência:

Ontem/hoje à noite, foi maravilhoso. Nós, por sermos apenas jovens e adolescentes muitas vezes nem somos levados à sério, mas eu PRECISO



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



falar uma coisa para vocês: o que eu senti nessa primeira noite na ocupação foi uma união e colaboração incrível, todos se ajudando, todos limpando junto a escola, a cozinha, arrumando o alojamento, preparando os lanches e tudo mais. (Opinião de aluna sobre a primeira noite na ocupação, postado em 20 de maio de 2016, na página de Facebook da escola)

Os relatos carregados de afetos demonstram que o ato de ocupar foi composto por um repensar contínuo, enfatizado pelas contradições de atos e discursos que se assentam na vivência da dialética da experiência. A memória é constituída por instantes que passam por processos de construção, organização e reorganização que, embora se pareçam com a fotografia, são mais complexos. As e os sujeitos envolvidos assimilam seu testemunho individual, mas a reelaboração da narrativa passa a pertencer ao coletivo. (POLLAK, 1989). Nas ocupações, entendemos que a produção da memória das e dos sujeitos foi construtiva de consciência política da realidade, mas também se assenta como uma memória dolorida, pois envolveu repensar e reelaborar suas experiências enquanto indivíduos.

Essa construção de uma narrativa memorialística, pelo caráter dialético das experiências de ocupação, é um processo que não acaba na postagem em si, reverbera em seus comentários, e fora deles está em embate com a memória da vivência física do acontecimento. Essa conformação de reflexões políticas coincide com o que fala Antonio Faudez a Paulo Freire sobre o processo de consciência que “é um processo lento, mas que em última instância adquire sua firmeza no processo da própria realidade” (FREIRE; FAUDEZ, 2011, p. 52-53). Nas postagens das e dos estudantes identificamos a necessidade de reforçar a sua condição de sujeito político:

Queremos deixar claro que nossa manifestação é apartidária e não somos massa de manobra de setor algum. Só quem vive ou está próximo sabe a realidade das escolas públicas. Os alunos precisam sim de um bom ambiente e dependem do que é ou deveria ser fornecido aqui na escola. O descaso com a educação só aumenta a desigualdade social e boa parte do atual e questionável cenário do país é fruto disso. (Carta à comunidade, postada em 20 de maio de 2016, na página de Facebook da escola)

Não é nosso intuito reproduzir a ideia de não haver lideranças nas ocupações, pois conforme pudemos perceber em nossa pesquisa, alguns e algumas estudantes se destacaram na comunicação do movimento. Por outro lado, não pretendemos nesse trabalho identificar as relações hierárquicas e/ou horizontais construídas no cotidiano das ocupações. O que nos interessa é visualizar a narrativa de si e do movimento construída pelas e pelos estudantes por



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC

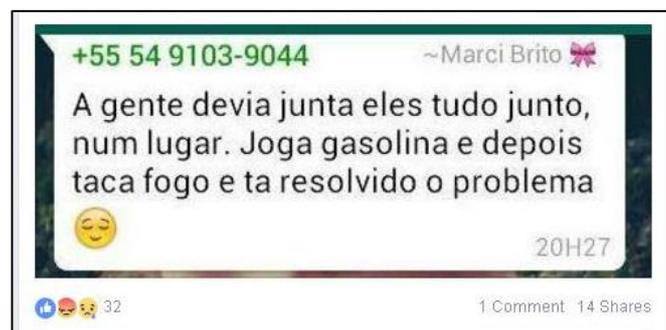


meio das redes sociais virtuais, em um cenário complexo e intenso, em que as redes sociais virtuais funcionam como uma

[...] quebra de fronteiras do pensamento e [...] empoderamento dos jovens como sujeitos dos próprios processos de formação [...]. Ao invés de meros receptores, estes jovens tornam-se produtores e difusores de saberes e de informações, caracterizando uma nova paisagem político-cognitiva. Falamos de toda uma inteligência coletiva potencializada pelo uso das ferramentas virtuais, sem as quais seria praticamente impossível visualizar tamanho alcance social. (COSTA; SANTOS, 2017, p. 69).

Alguns relatos nos dizem do cotidiano das ocupações que escapam à visão positiva das aprendizagens nelas presentes, como passar frio à noite e ter medo dos próprios colegas. Apesar de até aqui visualizarmos as manifestações em apoio às ocupações, no terceiro eixo de análise, identificamos que a narrativa virtual dos eventos também é permeada pela exposição à violência potencializada pela geografia digital. Em muitos casos, as divergências produzidas nas redes sociais virtuais extrapolaram limites razoáveis, chegando à violência verbal e ameaças. A questão do anonimato, da instantaneidade e do distanciamento geográfico tornam a violência virtual uma prática comum e aceitável para alguns sujeitos. Desse modo, a experiência de ocupação do ciberespaço significou a configuração de diferentes relações sociais que interferiram na maneira das e dos estudantes sentirem o movimento.

Figura 2 - Mensagem de ódio à ocupação



Fonte: Arquivo pessoal, retirado da Página de Facebook da escola ocupada.

No embate virtual, há uma desconsideração com a condição emocional do outro em detrimento da defesa de um posicionamento considerado legítimo pelo interlocutor. Em uma das postagens em que as e os estudantes denunciavam a agressão sofrida pela segurança da escola, lemos o seguinte comentário que tenta justificar a ação: “Proibir a entrada dos outros



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



alunos também não é a solução. Proibir a entrada dos alunos, é também uma agressão. Eu nunca esperei de vocês proibir a entrada de outros alunos”. Desse modo, concordamos com Costa e Santos que

[...] apesar de serem corpos marcados pela virtualidade, trata-se de interações reais, carregadas de afetos conflitivos das mais diferentes ordens e manifestações. A ocupação de um espaço virtual não isenta que os sujeitos se coloquem à parte ou blindados em relação ao mundo. O que parece estar em jogo é que, situados em outra geografia, os sujeitos acabam por vivenciar e dramatizar conflitualidades outrora inimagináveis – o que é publicado (comentário, opinião, nota de repúdio, etc.) ganha dimensões incalculáveis, repercutindo em uma comunidade que ultrapassa os domínios de camaradagem ou de amigos mais próximos. (2017, p. 52)

No quarto eixo de análise, identificamos que os desdobramentos entre a experiência física e a vivência virtual fez com que as e os estudantes vivessem de maneira intensificada o tempo do movimento. A presença em ambos os ambientes foi constante, pois mesmo que as e os estudantes estivessem *offline*, continuavam sendo produzidas discursividades virtuais acerca das ocupações. “Nas redes sociais o usuário está ‘presente’ continuamente por meio das informações que ele codificou sobre si mesmo e a comunicação com outras pessoas ocorre mesmo quando seu aparelho está desligado e o indivíduo encontra-se em outros locais realizando atividades outras”. (LEME LOPES, 2018, p. 160)

A reorganização espacial da escola, “possibilidade de subverter a lógica disciplinadora e controladora” (CORSINO; ZAN, 2017, p. 35) também foi um elemento que repercutiu na narrativa virtual das ocupações. Por meio de fotografias das escolas, identificamos o uso de materiais proibidos no ambiente escolar, como tinta de spray para grafitar, ou a subversão da disciplinarização, por exemplo, com aulas sobre o uso de Skate. Nesse sentido, as manifestações culturais presente nas juventudes ganham um apelo político na ocupação, “ao mostrar que os/as jovens ressignificam os espaços escolares, de modo a legitimar as múltiplas culturas juvenis inseridas nesse contexto”. (CORSINO; ZAN, 2017, p. 36).

Além disso, os elementos que pulsam nas publicações das redes sociais virtuais, dizem respeito às problemáticas cotidianas da educação. Embora a ocupação seja uma experiência incomum à escolarização, põe em debate questões que emergem do dia a dia, que já estavam ali e que, muitas vezes, poderiam estar sendo tratadas com congruência pelos sujeitos. Curiosamente todas as fotografias de perfil ou de capara das páginas de Facebook das



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



ocupações têm como cenário locais que as e os estudantes, em tempos regulares, têm maior autonomia, como o pátio da escola. Nenhuma dessas fotografias se passam na sala de aula, sala de direção ou auditório.

No quinto eixo, evidenciamos a disputa narrativa em um cenário de múltiplas verdades sobre um mesmo fato. Conforme denunciam os estudantes nas páginas de Facebook, o formato comunicativo do movimento possibilitou que muitas postagens das ocupações fossem utilizadas fora de seu contexto e que as entrevistas cedidas pelos e pelas estudantes fossem apresentadas ao público com edições que as descaracterizaram. Apesar disso, as redes sociais virtuais também serviram de espaço para contestação de reportagens veiculadas nas mídias tradicionais e que não coincidiam com a experiência vivenciada nas ocupações. Desse modo, identificamos que a apresentação do movimento nos meios de comunicação alternativos possibilitou a criação de um contraponto das e dos estudantes ao posicionamento político construído pela mídia formal, como é o caso desta postagem:

No entanto, alguns veículos de imprensa local, que no início nos noticiavam como uma espécie de atração, agora nos noticiam como um incômodo que precisa ter um fim. Por esse motivo suspendemos o diálogo com esses veículos, mas continuamos abertos para todos os outros que não tenham a intenção de deturpar nosso movimento. Sabemos o grande poder que as mídias de massa tem de criar "mocinhos e bandidos" e sabemos, também, qual desses papéis nos cabe da forma como nos noticiam. (Nota sobre relação com a imprensa e demais órgãos publicado na página de Facebook da ocupação)

Além da relação com a mídia, notamos que a disputa discursiva sobre os fatos também aconteceu entre o conjunto dos estudantes. Para nós é emblemático o uso da imagem da assembleia inicial para legitimar o movimento de ocupação (Figura 3). Na discussão entre estudantes, as e os ocupas se posicionam da seguinte maneira por meio da página de Facebook: “Vamos lá novamente, foram organizadas assembleias, a maioria foi a favor da ocupação e está registrado em ata! Os alunos que dizem que não foram ouvidos e blá blá blá são os mesmos que se ausentaram das reuniões e das aulas por serem OPORTUNISTAS!” Assim, por mais que diminua o coro de estudantes que se engajaram no movimento, a permanência das fotografias da assembleia inicial retoma uma responsabilidade coletiva de ocupar.



Figura 3 - Assembleia Ocupação



Fonte: Arquivo pessoal, retirado da Página de Facebook da escola ocupada.

Nas ocupações, a assembleia inicial bem como os demais momentos de decisão coletiva, sinalizam a reprodução e a reelaboração do modelo democrático. As fotografias das assembleias evocam a eleição da ação de ocupar a escola pela maioria das e dos estudantes, partindo do consenso na pauta acerca do direito à educação e uma educação de qualidade, ainda que atentemos para a polissemia do discurso. (BORGES, 2019).

Em duas ocupações, as postagens nas redes sociais virtuais mostram a relação sensível das e dos estudantes com a direção das respectivas escolas. Tais manifestações chegaram ao confronto público, como vemos nas Figuras 4 e 5:

Figura 4 - Não queremos diretora que nos dá comida estragada



Fonte: Arquivo pessoal, retirado da Página de Facebook da escola ocupada.



Figura 5 - Fora (Já) Guacira



Fonte: Arquivo pessoal, retirado da Página de Facebook da escola ocupada.

Em relação à contradição da discursividade, analisamos que o cotidiano das ocupações, visto pelos materiais das redes sociais virtuais, foi permeado pelo contraste das concepções de ensino e de educação. Como grande parte das e dos ocupas estavam cursando o terceiro ano do ensino médio, houve uma grande preocupação na oferta de atividades preparatórias para o ENEM. Embora as e os estudantes fossem críticos às aulas tradicionais, não deixaram de adotar padrões curriculares já conhecidos nas escolas.

Figura 6 - Sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal, retirado da Página de Facebook da escola ocupada

Nesse sentido, conforme vemos na Figura 6, a relação estabelecida entre as e os estudantes do curso normal e médio com as e os estudantes do ensino fundamental não deixou de ser hierárquica em relação à diferença geracional. Durante o período das ocupações alguns



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE

UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



responsáveis familiares seguiram levando as crianças do ensino fundamental para as escolas ocupadas, estas ficaram sob responsabilidade das e dos estudantes mais velhos. Muitas das atividades conduzidas por estes estudantes estão no bojo da aula tradicional, inclusive a disposição das classes mantém o padrão hierarquizado da sala de aula.

A experiência de ocupar, de simbolicamente tomar para si a escola, é uma ação que desenvolve uma modificação na maneira de sentir, de valorar e de vivenciar a escolarização, individualmente e socialmente. Assim, o registro narrativo nas redes sociais virtuais nos diz sobre a memória individual e coletiva dos acontecimentos, veiculados pelas e pelos sujeitos da história das ocupações estudantis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das postagens nas redes sociais virtuais configura-se como um ofício complexo, pois não se constitui apenas do objeto imediato, mas, também; das repercussões produzidas pelos múltiplos olhares que o cercam. A integração da comunicação em rede às ocupações deu visibilidade às ações, possibilitando a continuidade da circulação das ideias do movimento na vida social cotidiana. Assim, mesmo quem não teve contato direto com as escolas ocupadas, soube o que estava ocorrendo por meio das narrativas não expressas apenas pelos meios de comunicação tradicionais. Essa narrativa, em grande parte, enaltece as aprendizagens compartilhadas e a formação política resultante da experiência de ocupação, mas também nos permite inferir acerca das e dos sujeitos nele envolvidos e sua relação com a memória das ocupações.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Trad. Júlio Castanõn Guimarães. 9ª imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BORGES, Scarlett Giovana. A educação de qualidade pautada pelo movimento secundarista de ocupações. **Série Anais do XXIX Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação**, Brasília, p. 257-260, 2019.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



CORSINO, Luciano Nascimento; ZAN, Dirce Djanira Pacheco e. A ocupação como processo de descolonização da escola: notas sobre uma pesquisa etnográfica. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 26 – 48, jan./mar. 2017.

COSTA, Luciano Bedin da e SANTOS, Manuella Mattos dos. Espaços virtuais moventes das escolas ocupadas de Porto Alegre: o apoio mútuo como base da inteligência coletiva. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 49 – 72, jan./mar. 2017.

DELACROIX, Christian. A história do tempo presente, uma história (realmente) como as outras? **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v.10, n.23, p.39 - 79, jan./mar. 2018. Título Original: L’histoire du temps présent, une histoire (vraiment) comme les autres?

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOBSBAWM, Eric. O presente como história. **Sobre história**. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEME LOPES, André Pereira. Virada digital? Pesquisa histórica no ciberespaço. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 136 - 169, abr./jun. 2018.

LÔBO, Isamar Gonçalves. **O tempo presente na obra de Eric Hobsbawm**. Recife, 2003. 172 f. Dissertação. Universidade Federal de Pernambuco.

MARTUCCELLI, Danilo. Condición adolescente y ciudadanía escolar. **Educación e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 155-174, jan./mar. 2016.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SOUZA, Solange Jobim e. O uso da imagem na pesquisa em educação. **Anais da ANPED**, Rio de Janeiro, 2000.

PEREIRA, Ana Carolina Barbosa. Precisamos falar sobre o lugar epistêmico na Teoria da História. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 24, p. 88-114, abr./jun. 2018.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n 3, 1989, p. 3 – 15.

ZULATO, Murilo Sanchez; PAIXÃO, Priscilla Campiolo Manesco; ALMEIDA, Vivian Fernandes Carvalho. História do Tempo Presente. **Anais do VII Congresso Internacional de História e XXXV Encuentro de Geohistoria Regional**, Maringá/Paraná, pp. 1825-1836, out. 2015.